

**ORIENTE MÉDIO /** Ataques israelenses atingem as principais centrais do Irã. Especialistas avaliam impactos no enriquecimento de urânio e alertam que apenas a via diplomática é capaz de impedir Teerã de desenvolver a bomba atômica

# Golpe no programa nuclear

» RODRIGO CRAVEIRO

As principais instalações nucleares e de enriquecimento de urânio do Irã foram alvos de bombardeios sem precedentes de Israel. Na primeira onda de ataques, na madrugada de ontem (no horário local), a central nuclear de Natanz (centro) foi atingida por várias explosões. A ofensiva israelense também matou seis dos principais cientistas nucleares iranianos, incluindo Seyed Amir Hossein Feghhi, chefe do Instituto de Pesquisa e Tecnologia em Ciência Nuclear do Irã. Ontem, mísseis caíram sobre as instalações atômicas de Fordow e de Isfahan.

Citado pela agência de notícias estatal Irna, o porta-voz da organização de energia atômica do Irã, Behrouz Kamalvandi, minimizou os danos provocados nessas duas instalações. “Não são importantes. Eles limitaram-se a áreas que não causaram nenhum dano urbano no caso de Fordow (...) Em Isfahan, também houve ataques em vários pontos, que estavam relacionados com armazéns que pegaram fogo”, disse. Kamalvandi assegurou que “os danos não foram extensos e não há motivo de preocupação em termos de contaminação nuclear”.

No entanto, a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) revelou ter recebido a informação de que uma “instalação externa crucial” da usina de urânio de Natanz foi “destruída”, ao citar o regime teocrático islâmico. A AIEA destacou que o nível de radiação na área não havia aumentado.

As Forças de Defesa de Israel (IDF) justificaram a operação militar como uma “obrigação”. “Dados de inteligência mostram que o Irã está se aproximando de um ponto sem retorno em sua corrida rumo à arma nuclear. O regime está produzindo milhares de quilogramas de urânio enriquecido, juntamente com compostos de enriquecimento descentralizados e fortificados, em locais subterrâneos. Este programa acelerou-se significativamente nos últimos meses”, afirma a nota publicada na rede social X. “O Estado de Israel foi deixado sem escolha. As IDF têm a obrigação de agir em defesa dos civis de Israel e continuarão a fazê-lo.” A previsão era de que uma sexta rodada de negociações sobre o programa nuclear de Teerã começaria amanhã, em Omã. No entanto, o Irã descartou o diálogo “por enquanto”.

Especialistas consultados pelo **Correio** demonstram ceticismo em relação ao impacto dos



Coluna de fumaça após explosões na usina de Natanz (centro)



Iraniana segura foto de Seyed Feghhi, cientista morto em bombardeios

## As instalações atômicas do Irã



bombardeios sobre a capacidade do regime iraniano de processar urânio a níveis próximos aos usados para fins militares.

Daryl G. Kimball, diretor executivo da Associação para o Controle de Armas (em Washington), afirmou que apenas a diplomacia pode conter o programa nuclear iraniano. “A curto prazo, os ataques israelenses podem atrasar temporariamente a capacidade do Irã de produzir material nuclear de qualidade para bombas, mas não pode ‘acabar’ com ela”, explicou. “Os ataques israelenses ilegais provavelmente levarão o Irã a acelerar e expandir as atividades nucleares. Também poderão levá-lo a se retirar do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP).”

Kinball fez um apelo aos “Estados responsáveis”, incluindo o governo brasileiro, para que condenem os ataques de Israel ao Irã e exijam o fim de novas hostilidades, além do retorno de negociações sérias.

### “Nem perto do fim”

Por sua vez, Michael O’Hanlon, diretor de pesquisa do programa de Política Externa da Brookings Institution (em Washington), descartou a eliminação do programa nuclear iraniano. “Não está nem perto do fim. Eu questiono se Israel conseguirá realmente eliminar Fordow, em particular. O Irã ainda tem muitos recursos, muita tecnologia e muitos cientistas”, advertiu.

## TRAGÉDIA NA ÍNDIA



Imagens da queda e da decolagem devem ajudar nas apurações

# Localizados caixa-preta e gravador

Na Índia, os investigadores locais, do Reino Unido e dos Estados Unidos trabalham intensamente nas apurações sobre o que causou o acidente com o Boeing 787-8 Dreamliner com destino a Londres e que caiu, na cidade indiana de Ahmedabad, matando 265 pessoas entre passageiros, tripulantes e vítimas em terra. A Aircraft Accident Investigation Bureau (AAIB) confirmou que o gravador de dados de voo (FDR) e uma das duas caixas-pretas da aeronave foram encontrados no telhado do prédio da faculdade de medicina. Os peritos buscam a outra caixa-preta e

o gravador de voz da cabine (CVR). Os especialistas devem utilizar, ainda, imagens em vídeo, que registraram distintos momentos do avião: antes da decolagem, alguns segundos no ar e a queda. Uma suspeita é de problema hidráulico, algo que teria dado indicação tão logo a aeronave levantou voo. O jornal *Hindustan Times* informou que a explosão do tanque (de combustível da aeronave) criou um verdadeiro caldeirão de fogo, pois a temperatura subiu para 1.000 °C — nos vulcões, a lava pode atingir 1140 e

1170°C. A Air India montou centros de assistência nos aeroportos de Ahmedabad, Mumbai, Delhi e Gatwick (Londres) para parentes e amigos das vítimas. Daqui para frente, os Boeings 787 passarão por uma rigorosa vistoria, antes do voo. Serão verificados o monitoramento de parâmetros de combustível, os compressores de ar da cabine, o controle e sistema hidráulico do motor, e os parâmetros de decolagem. Pelo menos 265 pessoas morreram — entre 169 passageiros indianos, 53 britânicos, sete

portugueses e um canadense, além de 12 tripulantes e vítimas que estavam onde caiu a aeronave. Apenas o cidadão britânico Vishwash Kumar Ramesh, de 38 anos, sobreviveu. Sentado na poltrona 11A, na janela e perto da saída de emergência, ele não sabe explicar como se salvou. O Tata Group, empresa proprietária da Air India, ofereceu ajuda financeira de 10 milhões de rúpias (cerca de R\$ 647 mil, na cotação atual) às “famílias de cada pessoa que perdeu a vida na tragédia” e para os feridos. (Renata Giraldi)

## Conexão diplomática



por Silvio Queiroz  
silvioqueiroz.df@gmail.com

# O muro fica cada vez mais estreito

O tom da nota publicada, ontem, pelo Itamaraty traduz fielmente os impasses do governo Lula diante da situação explosiva no Oriente Médio, tanto mais depois da onda de ataques ditos “preventivos” lançados por Israel contra o Irã. O texto registra “firme condenação” à ofensiva, classificada como “clara violação à soberania desse país e ao direito internacional”. Termina pedindo “máxima contenção” a “todas as partes envolvidas”.

Na mesma linha se manifestaram alguns governos europeus, como os do Reino Unido e da França. Rússia e China, embora mais críticos à ação israelense, fizeram coro com a chamada “turma do deixa-disso”. Partiram de Turquia, Arábia Saudita e outros países de maioria islâmica as acusações mais diretas ao premiê Benjamin Netanyahu. Cada qual com os próprios motivos, governantes pelo mundo afora medem as palavras com toda a cautela. É unânime a preocupação com os desdobramentos imprevisíveis de uma escalada que conduza a uma guerra generalizada na região. Impactos econômicos,

como a instabilidade no mercado de petróleo, já se fazem sentir.

## Cruz e espada

Enquanto monitora o alcance e os desdobramentos do revide iraniano, a diplomacia brasileira pisa em ovos nos preparativos finais para participar, na semana que entra, de uma conferência internacional destinada a traçar um mapa para o estabelecimento do Estado palestino. A convite da França, copatrocinadora do evento com a Arábia Saudita, o Brasil dividirá com o Senegal o comando de um dos grupos de trabalho.

O governo Netanyahu se opõe aberta e publicamente à soberania palestina e a uma solução negociada em Gaza. A comunidade judaica e a bancada evangélica, na contramão, cerram fileiras contra Lula, que protesta em tom crescente contra o que chama de “genocídio” em Gaza.

Amorim, ex-chanceler e hoje assessor especial de Lula. Levou o pedido de “medidas concretas”, inclusive, o rompimento de relações diplomáticas e comerciais, em represália pela ofensiva de Israel contra a Faixa de Gaza. Desde outubro de 2023, quando o movimento islâmico Hamas atacou Israel e causou mais de 1.200 mortes, baixas do lado palestino superam 50 mil — civis, na imensa maioria.

De acordo com relatos, o assessor do Planalto acenou, vagamente, com a revisão de acordos e convênios na área de segurança e defesa. O Brasil importa de Israel equipamento de uso especialmente pelas polícias militares.

A comunidade judaica e a bancada evangélica, na contramão, cerram fileiras contra Lula, que protesta em tom crescente contra o que chama de “genocídio” em Gaza.

## Lá e cá

A abertura de hostilidades diretas com o Irã surpreendeu algumas delegações oficiais brasileiras que

participavam de missões técnicas em Israel. O secretário de Ciência e Tecnologia do DF, Marco Antônio Costa, esteve entre os que passaram a madrugada de sexta-feira em um abrigo antiaéreo, em Tel Aviv. Outras autoridades tiveram voos cancelados e ficaram no Brasil, depois que o espaço aéreo israelense foi fechado.

Simultaneamente, desembarcava em São Paulo o ativista pró-palestino Thiago Ávila, deportado por Israel. Thiago integrava Flotilha da Liberdade, que tentou levar ajuda humanitária para Gaza por mar. Passou dois dias detido depois que a embarcação foi interceptada pela Marinha israelense.

## Ver para crer

O Estado judeu tem no Irã um adversário frontal desde a revolução islâmica de 1979. O pivô do atual contencioso é o programa nuclear de Teerã, visto por Israel como “ameaça existencial”. Como signatário do Tratado de Não Proliferação (TNP) de armas atômicas, o regime dos aiatolás está autorizado a dominar o ciclo do combustível que alimenta os reatores, incluindo o enriquecimento de urânio — processo indispensável também à produção de armas.

Em troca, os países signatários do tratado aceitam submeter-se a inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica (Aiea). Colocado sob suspeita de manter um programa militar secreto, o Irã fechou em 2015 um acordo com os EUA e mais cinco potências. Em 2018, em seu primeiro período na Casa Branca, Donald Trump retirou o país do processo e reimpôs sanções unilaterais a Teerã.

Uma resolução aprovada neste mês pela AIEA acusa o Irã de violar o acordo de 2015 justamente nos termos que limitam o enriquecimento de urânio. Israel, que não assinou o TNP, decidiu atacar instalações nucleares com o propósito alegado de se antecipar à transformação do adversário em potência atômica. Isento de controle internacional, o Estado judeu desenvolve há décadas suas atividades na área.

É corrente, na comunidade internacional, a convicção de que o arsenal israelense inclui de 90 a 140 ogivas atômicas — e mísseis capazes de levá-las ao alvo. Netanyahu e os antecessores adotam como resposta a ambiguidade. Não confirmam nem desmentem afirmações: desafiam quem queira pagar para ver.